

EM BUSCA DE UMA DANÇA AUTORAL: REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM DANÇA NA ESCOLA

HELENA THOFEHRN LESSA¹; CARMEN ANITA HOFFMANN²

¹*Universidade Federal de Pelotas – thofehrnlessa@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – carminhalese@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compartilhar reflexões acerca de uma experiência de estágio em dança na escola, realizada durante a disciplina de Estágio em Dança II do curso de Dança – licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, direcionada às séries finais do ensino fundamental e ensino médio. A experiência foi pautada em uma proposta pedagógica elaborada a partir do Plano de Estudos da Arte e do diagnóstico do contexto dos alunos do 6º ano de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada no centro da cidade de Pelotas – RS.

O período de estágio, com duração de 28 horas distribuídas ao longo de dois meses e meio, teve como principais eixos norteadores a improvisação e a composição coreográfica em dança. Além disso, a temática “Onomatopeias”, presente no Plano de Estudos da Arte para o 6º ano, foi explorada dentro dos eixos norteadores delineados para o estágio, buscando incorporar os conteúdos de Artes previstos para o referido ano aos conteúdos específicos da Dança.

O objetivo geral do estágio foi possibilitar a iniciação à construção de uma dança autoral, inserindo o aluno em um processo de descobrimento e exploração das suas potencialidades de movimento. Os objetivos específicos traçados foram: incentivar a improvisação em dança; desenvolver capacidades criativas e expressivas; explorar diferentes estratégias de composição coreográfica; envolver os alunos nas tomadas de decisão sobre o processo criativo.

2. METODOLOGIA

A motivação principal para refletir sobre os conteúdos a serem trabalhados no estágio surgiu a partir da questão exposta por Ribeiro (2012):

Como a experiência corporal consciente na prática artística da dança é importante para a construção da autoralidade, (...) tenho pensado acerca do tipo de dança que deve ser ensinada nas escolas de ensino básico. Como fortalecer aquilo que os alunos já trazem e, ao mesmo tempo, apresentar-lhes outras possibilidades de articulação corporal sem marcá-los com uma estética de movimento específica e já codificada? (RIBEIRO, 2012, p.165).

Ao refletir sobre a questão acima, pensou-se que os eixos “improvisação” e “composição coreográfica” possibilitariam a construção desta dança autoral, inserindo o aluno em um processo de descoberta e exploração das suas potencialidades de movimento.

Além disso, ao conhecer os alunos, o que mais despertou atenção foi a heterogeneidade da turma. Esse aspecto também fez pensar que a improvisação e a composição coreográfica poderiam constituir estratégias interessantes de trabalho, já que através destas temáticas o trabalho poderia ser facilmente direcionado às singularidades de cada aluno.

Apoiando-se em Weber (2015, p.21), pode-se dizer que a improvisação em dança trabalha com movimentos que não são pré-estabelecidos enquanto partitura fixa: “trabalhamos com o que conhecemos, trazemos organizações corporais e composições de movimentos já experimentadas anteriormente, ideias, que, de alguma forma, já visitamos”. Nesse sentido, improvisar pode ser uma técnica de como nossos corpos fazem escolhas no espaço, um procedimento de seleção, uma prática de diálogo.

Sobre a composição coreográfica, pode-se dizer que não existe um modelo coreográfico ou uma forma única de concretizar uma proposta em termos coreográficos. Marques e Xavier (2013) destacam que parece fundamental adotar uma perspectiva de pensar a partir do que existe para reformular, recriar e reinventar novas formas de agir dentro dos processos criativos.

A partir destas noções de improvisação e composição coreográfica, entende-se que deve haver um ponto de partida para a improvisação. Dessa forma, o repertório de movimento cotidiano dos alunos foi valorizado, envolvendo os alunos em diferentes atividades que podem fazer parte da concretização de um processo criativo em dança, como a direção, o coreógrafo e o bailarino. Considerando o momento tecnológico que vivemos, o registro fotográfico e os vídeos também fizeram parte das atividades propostas aos alunos nas aulas.

A vontade de envolver os alunos nas tomadas de decisão durante o processo criativo foi ao encontro do método de ensino de trabalho independente proposto por Libâneo (1994), o qual envolve o estudo dirigido e a solução de problemas por parte do aluno, incentivando o exercício da autonomia e da participação ativa do aluno durante o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, esta forma de trabalho corrobora com a metodologia definida pela escola descrita no Projeto Político Pedagógico, a qual está baseada na crença de que o aluno é um ser ativo na construção de seu conhecimento, aprendendo a partir de suas ações, reflexões e interação com as pessoas e o ambiente que o cerca.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de estágio, tornou-se evidente a resistência dos alunos em trabalhar o corpo e em perceber a si e o outro. As atividades propostas corriam bem até o movimento entrar de forma mais explícita. Através do diálogo com os alunos, observou-se que esse comportamento acontecia principalmente por dois motivos: vergonha e repertório limitado, segundo eles, de movimento.

O pensamento dos alunos em relação ao repertório limitado de movimento afirma o quanto o estereótipo de dança espetacular ainda domina o pensamento das pessoas de forma geral. Nesse sentido, a busca por desmistificar o universo da dança acabou se tornando um objetivo a ser alcançado durante o estágio. Através de práticas de dança ligadas ao movimento do cotidiano, ao ambiente em que estamos inseridos, ao espaço que construímos e a temas presentes na vida dos alunos foi possível aproximar-los do movimento, da ruptura da resistência inicial de se expressar e da visão de que dança não é apenas espetáculo.

“Os estudantes trazem arte para a escola o tempo todo. Trazem, fazem, apreciam e literalmente consomem arte nas salas de aula, nos corredores, no pátio e na porta da escola. (...) O que fazemos com tudo isso?” (MARQUES; BRAZIL, 2014, p.118-119). Esta questão permeou todo o período de estágio. É evidente que os alunos fazem arte diariamente na escola, mas o grande desafio está justamente em despertar essa ideia neles a ponto de se sensibilizarem.

O período de estágio passou, então, a ser guiado pelo simples objetivo de instigar os alunos a se perceberem de diferentes formas no mundo, buscando a exploração do corpo a partir de diferentes possibilidades de movimento:

Destruir partituras musicais por meio do corpo e seu entorno. E, ainda, deslocar o eixo que mantém a centralidade, horizontalizar o corpo, retorcê-lo e assumir sua tridimensionalidade como modo de enxergar e colocar-se no mundo sob distintos pontos de vista (MUNDIM, 2015, p.33).

Dentre as estratégias utilizadas, a confecção de materiais didáticos para uso nas aulas funcionou como um ótimo recurso pedagógico durante o estágio, proporcionando resultados satisfatórios. A exploração da temática das onomatopeias, por exemplo, surgiu a partir da atividade de exploração dos níveis de movimento no pátio na escola. Enquanto exploravam movimentos e faziam registros fotográficos dos colegas, foi solicitado que prestassem atenção aos sons que conseguiam escutar na rua. A partir dos sons identificados pelos alunos foi confeccionado um cartaz com lacunas abaixo dos sons relatados para que prenchessem com as figuras de linguagem que melhor descrevessem os sons.

A apreciação de vídeos de dança também constituiu uma estratégia importante de ensino, visto que a partir deles os alunos pareciam se interessar mais pelos conteúdos trabalhados e conseguiam visualizar o que conversávamos. Além disso, os vídeos aproximaram os alunos de diferentes estéticas e possibilidades de movimento, proporcionando a apreciação e a reflexão.

Conforme ressaltado anteriormente, a vergonha foi um sentimento citado pelos alunos para explicar o motivo pelo qual não queriam realizar as atividades de improvisação e criação em dança. Entretanto, foi possível perceber discursos contraditórios por parte dos alunos, já que muitas vezes o que escreviam não era o que faziam nas aulas. Na escrita os alunos ressaltavam a importância da dança e relatavam o gosto pela prática, mas nas aulas demonstravam preguiça e às vezes desinteresse. Da mesma forma, algumas vezes debochavam da atividade proposta, mas de repente estavam totalmente imersos nela: era como se estivessem gostando da atividade, mas não pudessem demonstrar e admitir isso.

Aproximadamente a partir do quinto encontro a relação com a turma melhorou e as atividades começaram a fluir, assim como demonstrações de carinho e afeição começaram a surgir por parte dos alunos. Maior empenho e envolvimento nas atividades propostas passaram a ser percebidos nas aulas. Acredita-se que tal mudança de comportamento seja fruto da relação construída entre professora e alunos: ambos foram se modificando em decorrência dos acontecimentos a cada aula. Certamente, por parte da professora, a reflexão sobre a ação também teve papel importante no sentido de repensar estratégias capazes de atingir o objetivo pretendido no estágio.

4. CONCLUSÕES

Ao longo do período de docência, o objetivo inicial de estágio foi passando por modificações em decorrência da aproximação com a turma e da vontade de ajustar a proposta à realidade dos alunos. Pode-se dizer que o objetivo se transformou, de forma geral, em buscar sensibilizar os alunos a partir da relação do seu cotidiano com a dança.

Com base nessas modificações, tornou-se evidente a importância do estágio para a formação docente, já que possibilitou exercitar o amadurecimento em relação às tomadas de decisão, contribuindo com a construção da identidade

enquanto futura professora. Acredita-se que um dos principais aspectos que incentivaram a mudança de objetivo ao longo do processo foi a heterogeneidade da turma: idades diferentes, tamanhos diferentes, comportamentos diferentes, gostos diferentes, valores diferentes. Essas diferenças dificultaram a aceitação das atividades propostas e, nesse sentido, trabalhar a aproximação da dança com o cotidiano dos alunos através da improvisação e da composição coreográfica foi uma saída eficiente dentro da realidade encontrada.

No entanto, mesmo que esta estratégia tenha facilitado o trabalho e diluído a heterogeneidade encontrada na turma, a questão citada anteriormente no trabalho, “Será que os alunos entendem o que é a dança?”, ainda permanece sem resposta. É difícil, através das avaliações, confirmar se as aulas foram capazes de despertar momentos de intensidade aos alunos. Ao resgatar as memórias das primeiras aulas, perceberam-se mudanças principalmente no que se refere à disponibilidade dos alunos em criar e se expor na frente dos colegas, assim como de conseguir apreciar os trabalhos produzidos pelos colegas sem debochar, o que já demonstra amadurecimento de alguma forma.

Cabe destacar que a dificuldade em trabalhar com a dança na escola não está pautada apenas na vergonha e na falta de respeito da turma, mas se relaciona com a necessidade da legitimação da dança como área de conhecimento, desencadeada por um processo histórico em busca de reconhecimento em diferentes espaços da sociedade, dentre eles a escola. O professor de dança que vai para a escola não busca apenas alcançar os objetivos traçados na sua proposta pedagógica, mas também quer mostrar que a dança trabalha com saberes próprios que vão muito além de entretenimento. Acredita-se que a sistematização do ensino da dança no ambiente escolar, sem interrupção das ações aqui propostas, apontaria uma possibilidade mais real e efetiva de sensibilização e entendimento dos alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

MARQUES, Ana Silva; XAVIER, Madalena. Criatividade em dança: conceções, métodos e processos de composição coreográfica no ensino da dança. **Revista Portuguesa de Educação Artística**, v.3, p.47-59, 2013.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. *Arte em questões*. São Paulo: Cortez, 2014.

MUNDIM, Ana Carolina. **O que é coreografia?** In: ALMEIDA, Márcia (Org.). A cena em foco: artes coreográficas em tempos líquidos. Brasília: Editora IFB, 2015, 320p.

RIBEIRO, Mônica Ribeiro. O prazer estético: um laboratório somaestético na sala de aula de dança. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v.2, n.1, p.163-178, 2012.

WEBER, Suzi. **Um modo particular de composição: a improvisação.** In: ALMEIDA, Márcia (Org.). A cena em foco: artes coreográficas em tempos líquidos. Brasília: Editora IFB, 2015, 320p.